

Revista
de Psicologia

ISSN 2179-1740

RELATO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DAS VIVÊNCIAS NA PRÁTICA DA DISCIPLINA DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

EXPERIENCE REPORT ABOUT EXPERIENCES IN THE PRACTICE OF THE PSYCHOLOGICAL EVALUATION DISCIPLINE

Livia Gomes Viana-Meireles¹Deborah Alves Sousa²Marise Brito do Rego³Thalita Pachêco Cornélio⁴

Resumo

A avaliação psicológica é função exclusiva do psicólogo e é uma ação fundamental para estruturar sua prática, sendo o ensino da avaliação fundamental na graduação de Psicologia. O objetivo deste artigo é apresentar um relato de experiência sobre a prática de atividade de avaliação psicológica realizada na disciplina de Técnicas de Exames Psicológicos (TEP) em um curso de graduação de Psicologia. Para relatar essa experiência será descrito todos os passos das atividades realizadas pelos alunos da disciplina com intuito de vivenciarem o processo de avaliação psicológica ainda na graduação. Todas as etapas foram realizadas no espaço do Serviço Escola de Psicologia da Instituição de Ensino Superior em que as disciplinas foram ministradas. Como resultado dessa experiência notou-se um maior comprometimento dos alunos e melhor compreensão do processo de avaliação psicológica, que não se restringe ao ensino do uso de testes. Conclui-se que a atividade favoreceu o aprendizado da avaliação psicológica como um processo amplo, possibilitando contextualizar a sua prática de forma ética e cuidadosa.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Teste Psicológico; Experiência Prática.

Abstract

Psychological assessment is the exclusive function of the psychologist and is a fundamental action to structure his practice, and the teaching of fundamental assessment in the Psychology degree is essential. The purpose of this article is to present an experience report on the practice of psychological assessment activity carried out in the Psychological Examination Techniques (TEP) discipline in an undergraduate Psychology course. To report this experience, all the steps of the activities carried out by the students of the discipline will be described in order to experience the psychological assessment process while still undergraduate. All steps were performed at the School of Psychology Service of the Higher Education Institution where the subjects were taught. As a result of this experience, there was a greater commitment from students and a better understanding of the psychological assessment process, which is not restricted to teaching the use of tests. It is concluded that the activity favored the learning of psychological assessment as a broad process, making it possible to contextualize its practice in an ethical and careful way.

Keywords: Psychological assessment; Psychological Test; Practice Experience.

¹ Professora Adjunta do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) da Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil. Email: liviagviana@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5367-7774>

² Graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Brasil. Email: deballvs@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2139-4577>

³ Mestre em Psicologia (UFC), Psicóloga na Prefeitura Municipal de Camocim – Ceará, Brasil. Email: marise.b.rego@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3911-6011>

⁴ Mestre em Psicologia (UFPI), Professora substituta na Universidade Federal do Piauí (UFPI), Brasil. Email: pthalitac@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9885-9013>

INTRODUÇÃO

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) define Avaliação Psicológica (AP) como um processo estruturado de investigação de fenômenos psicológicos. Para o órgão, este procedimento utiliza diferentes fontes de informação, dentre métodos, técnicas e instrumentos, entre os quais reconhece os testes psicológicos como uma ferramenta de avaliação. Estes devem ser aprovados pelo CFP e podem ter diferentes formas, incluindo escalas e métodos projetivos e expressivos (Conselho Federal de Psicologia, 2018). No Brasil, a área de AP é privativa do psicólogo e por isso a formação (que inicia na graduação) demanda extrema atenção, sendo um dos eixos estruturantes da formação do psicólogo nas Diretrizes Curriculares Nacionais (Bardagi et al., 2015; Dourado & Silva, 2016).

Um maior desenvolvimento da AP tem acontecido desde os anos 2000, principalmente por conta de ações políticas que impactaram positivamente a área, como a criação do Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (Satepsi) pelo CFP (Bueno & Peixoto, 2018; Reppold et al., 2018). O CFP contribui constantemente com a divulgação de resoluções, notas técnicas e atualização da formação em AP fazendo com que o interesse de parte de alunos de Psicologia cresça e isso acaba beneficiando a área tanto na graduação quanto no mercado de trabalho (Dourado & Silva, 2016).

Segundo Bandeira, Trentini e Krug (2016), o profissional começa a desenvolver as habilidades necessárias para a realização da AP ainda no curso de graduação em Psicologia. Tais competências podem, e devem, ser aprimoradas em um momento posterior da carreira. Para os autores, é preciso um preparo tanto pessoal quanto técnico e ético para que o profissional possa realizar psicodiagnóstico.

Borsa (2016) aponta para a necessidade de aperfeiçoamento constante e a importância de pensar a formação do profissional de psicologia na AP considerando que esse é o século desta área onde a competência profissional na mesma deveria acrescentar excelência às práticas na área (Noronha & Reppold, 2010). Ampara-se, então, na busca de uma prática de qualidade, realizada por profissionais capacitados e não apenas habilitados pela formação a efetivá-la. Esta meta está diretamente relacionada a uma educação em avaliação psicológica de qualidade e passa a ser um desafio para os docentes, especialmente, na graduação.

Na graduação os alunos devem desenvolver competências para uso de outras estratégias de avaliação, tais como entrevistas, dinâmicas de grupo, observação e o domínio de conhecimento dos constructos a serem avaliados para que a tomada de decisão no processo avaliativo seja feita de forma fundamentada (Finelli, Freitas & Cavalcanti, 2015).

Apesar da importância da área ainda existem deficiências no ensino da AP, muitas vezes associadas ao uso e manuseio de testes e a uma carga horária de ensino insuficiente (Noronha, 2002; Noronha et al., 2004; Noronha & Alchieri, 2004; Borsa, 2016). Isso se reflete na atuação do psicólogo, pois uma formação inadequada pode levar os profissionais a cometerem falhas éticas referentes ao mau uso dos testes e na condução do processo o qual necessita que o profissional tenha competência para selecionar os instrumentais adequados e coerentes com o objetivo, o contexto e a intervenção que deve ser realizada (Ambiel et al., 2017; Borsa, 2016; Dourado & Silva, 2016; Freires et al., 2017).

Os principais desafios relacionados ao ensino durante a graduação são a não integração entre ensino e aprendizagem, ausência de professores exímios na área, metodologias e conteúdos incompletos, os quais se resumem em três etapas: aplicar, corrigir e interpretar os instrumentos (Mendes et al., 2013), breve treinamento do

uso de testes (Noronha & Reppold, 2010), além de não fomentar aos alunos instruções consistente em Psicometria (Paula et al., 2007).

Dourado & Silva (2016) afirmam que a melhoria da Avaliação Psicológica passa, dentre outras medidas pela “promoção, nos cursos de graduação em psicologia, de uma formação crítica, ética, prática e teórica que possibilite ao aluno reconhecer a importância e a amplitude (contextual e instrumental) da avaliação psicológica” (p. 43). Mendes, Nakano, Silva e Sampaio (2013) afirmam que “a melhora da área de avaliação psicológica não envolve somente a questão dos instrumentos, mas também, e essencialmente, o uso que se faz dele” (p.444). Isto evidencia a relevância de se discutir como a formação em Psicologia colabora para que os futuros profissionais compreendam a importância, utilizem de forma adequada e ética os testes, assim como, os demais instrumentos envolvidos no processo de psicodiagnóstico.

Nesse sentido, o presente artigo pretende endossar a discussão sobre a formação e o ensino de AP na graduação propondo relatar a experiência de ensino em disciplinas de Técnicas de Exames Psicológicos (TEP) em um curso de Psicologia de uma Universidade Federal no nordeste do Brasil. Vale ressaltar que o presente relato de experiência surgiu espontaneamente da prática profissional de formação do psicólogo em curso de graduação, que fez refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem em avaliação psicológica.

MÉTODO

O relato desta experiência tem como objetivo principal contribuir para o ensino de AP, pois relata os procedimentos de uma atividade proporcionada aos alunos de forma semelhante ao processo de avaliação que os graduandos vão se deparar ao se formar, incluindo diferentes estratégias de avaliação, tal como entrevista inicial, aplicação de instrumentos e entrevista devolutiva.

Amostra

Participaram das atividades cerca de 200 alunos matriculados nas disciplinas de Técnica de Exames Psicológicos (TEP) II e III ofertadas no quarto e quinto semestre, respectivamente, do curso de Psicologia onde a experiência ocorreu. Cada disciplina tem o total de 60 horas, perfazendo quatro créditos obrigatórios por matéria.

Foram considerados participantes dessa experiência os voluntários (em sua maioria estudantes de psicologia do primeiro semestre) que aceitaram realizar o processo de avaliação psicológica.

Procedimentos éticos

Esse artigo é resultante de uma intervenção prática na disciplina de TEP. De acordo com a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 no artigo 1º, parágrafo único “VIII - atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização” não foi necessário a submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa da instituição. No entanto, vale ressaltar que todos os critérios éticos, no que diz respeito a pesquisa com seres humanos, foram respeitados. Alunos da disciplina e os participantes da atividade eram informados de todos os cuidados éticos.

Aos participantes solicitou-se que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aceitando sua participação nas atividades práticas para fins de ensino-aprendizagem no qual explicitava os objetivos e riscos da atividade, bem como os cuidados a serem tomados caso algum voluntário sentisse necessidade de um acompanhamento. Por isso, todo o processo ocorreu dentro do Serviço Escola de Psicologia (SEP) da universidade sob supervisão da professora responsável pela disciplina. Eventualmente alguns voluntários avaliados poderiam ser encaminhados para atendimento no SEP e a avaliação realizada na disciplina era repassada ao estagiário que atenderia o caso.

Os discentes também assinavam um Termo de Ciência e Responsabilidade quanto à realização da atividade que consistia em tomar todos os cuidados éticos de uma avaliação psicológica, principalmente em relação ao sigilo e cuidado com os materiais de aplicação, ou seja, foram resguardados os aspectos éticos na utilização dos testes e no contato com terceiros. Ademais, o relato aqui descrito não permite a identificação dos sujeitos participantes, tanto os discentes quanto os voluntários que participaram do processo de aplicação de instrumento psicológico.

Delineamento da atividade

A seguir são apresentadas, na Tabela 1 (p. 172), os passos seguidos para a realização da atividade prática durante as disciplinas de TEP II e III.

Todas os passos da atividade foram minuciosamente explicados e acompanhados pela professora durante o semestre letivo. Era destinado pelo menos seis semanas para a realização de todas as etapas que ocorriam juntamente com as aulas teóricas. Durante o horário das aulas, além dos estudos teóricos, os alunos eram encorajados a trocar suas experiências e impressões sobre as etapas que estavam realizando e essa troca era muito rica e estimulante.

RESULTADOS

Em cada etapa da atividade foi percebido um maior investimento dos alunos, comprometimento e investimento em estudar e se empenhar para realizar de forma cuidadosa e ética cada etapa. Durante as aulas teóricas os alunos estudavam sobre entrevistas de anamnese e construíam um modelo de entrevista, que era analisado e avaliado pela professora e monitora durante as supervisões. Essas entrevistas permitiam investigar informações gerais sobre o voluntário para que em seguida fossem somadas àquelas colhidas pelo instrumento de avaliação. Nesta etapa os alunos sempre relatavam sentir receio de fazer uma entrevista, mas sabiam da importância de “treinar” essa atividade fundamental do psicólogo. Ademais, o contato com o sujeito a ser entrevistado trazia aos discentes um senso de responsabilidade diante do outro e da atividade, que os desafiavam a prepararem-se correta e extensivamente. Como os alunos se dividiam em duplas ou trios, sempre um deles permanecia como observador e registrava as respostas do participante.

Dentre os resultados apontados nessa experiência, destaca-se a postura dos alunos diante de uma atividade prática com um voluntário. Os discentes mostravam preocupação e cuidado em todas as etapas, principalmente, o cuidado com o manuseio dos testes e o seguimento de todas as recomendações dos manuais dos instrumentos. Os alunos percebiam, na prática, que o uso dos instrumentos é limitado e não dá conta de todo o processo de AP.

Perceberam que se tratava de mais uma etapa do processo como um todo e que, quando bem utilizada, é uma ferramenta importante de investigação.

Na etapa de escrita dos laudos as equipes organizavam todas as informações coletadas na entrevista e na aplicação dos testes. As monitoras acompanhavam de perto essa etapa. Após escritos pelos alunos, os laudos eram corrigidos pela professora e a entrevista devolutiva era orientada. O último encontro com o voluntário selava o final da atividade e os discentes treinavam a entrevista devolutiva. Para alguns um momento difícil de escolher quais informações seriam mais adequadas a serem destacadas para o voluntário. Os alunos percebiam a importância de buscar mais informações durante o processo de avaliação psicológica e que o planejamento da avaliação é fundamental.

Essas questões inerentes ao fazer psicológico, e ao processo de AP, eram compreendidas de maneira visceral pelos alunos, muito mais do que apenas teoricamente, uma vez que eles se mostravam muito implicados com todo esse processo.

DISCUSSÃO

Diante do exposto, considera-se que o objetivo de apresentar o relato de uma experiência prática de avaliação psicológica foi contemplado. Essa atividade mostra-se profícua e possível de ser replicada em outras realidades do curso de graduação em Psicologia.

A vivência prática de realizar entrevista com um voluntário, dentro de clínica escola, planejar as demais etapas, estudar o teste e escrever o laudo com essas informações para realizar a entrevista devolutiva foi fundamental para que os alunos aproximem a teoria da prática. Isso é fundamental para que o estudante vivencie a prática da AP, questione práticas patologizantes e reducionistas, considerando as implicações provenientes desse processo de avaliação. Ao fazer uma crítica sobre a psicométrica, Patto chama a atenção para laudos e práticas de diagnóstico pautadas no senso comum que produzem e reproduzem estigmas, assim como servem para justificar a exclusão dos examinados, reduzindo-os como portadores de “defeitos” (Patto, 1997).

As experiências proporcionadas pela atividade contribuem para que a avaliação psicológica possa ser vivenciada a partir de uma postura ética, política, reflexiva e crítica. Os alunos eram encorajados, ao longo da construção do laudo, a relacionar as informações colhidas na entrevista com o observado no teste. Os alunos apontaram o desafio no momento de correção e interpretação dos dados, uma vez que era considerado o aspecto biopsicossocial do participante, evitando determinismos, e sempre atento às informações coletadas. Essa postura é fundamental para não deslocar o indivíduo de sua realidade e de seu contexto social em que a materialidade das circunstâncias é, frequentemente, desprezada (Patto, 2019; Guzzo et al., 2011). Durante a entrevista devolutiva os alunos tinham que lidar com questões relacionadas ao tempo da sessão e as emoções despertadas nos voluntários, o que poderia causar insegurança naqueles que estavam aplicando a atividade. Além disso, Patto reforça que

A ética do exercício da profissão refere-se à escala de valores que orienta essa prática, motivo pelo qual para ingressarmos no âmbito ético-político da Psicologia e formarmos psicólogos nesta direção, é preciso rever concepções e práticas psicoterapêuticas e avaliativas da psique meramente adaptativas, instrumentos que contribuem para a reprodução de uma sociedade hierarquizada e injusta (Patto, 2019, p. 15)

A atividade, em todas as etapas, permitiu uma reflexão constante do fazer psicológico. Os estudantes

apontaram a importância das atividades desenvolvidas na disciplina, que possibilitaram uma experiência enriquecedora de formação, contribuindo sobremaneira para a sua futura atuação profissional e sua postura ética diante da avaliação psicológica.

Contemporaneamente, existem uma necessidade dos cursos de graduação reformularem seus currículos universitários (Bueno & Peixoto, 2018), apontando para a necessidade de integrar e discutir os conteúdos teóricos a partir de atividades práticas como a experiência aqui relatada. Os discentes devem ser capazes de associar a prática aos conhecimentos teóricos estudados, através do exercício da problematização, olhar crítico e consideração dos determinantes sociais.

Ressalta-se que, conforme as Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Psicologia, a formação acadêmica deve se pautar nos conhecimentos, práticas e reflexões que se voltem para o bem coletivo, a partir de uma postura ética e compromissada (Ambiel et al., 2017).

Essa atividade também auxiliou na tentativa de apontar a importância que se deve dar a todo o processo de AP e não só a aplicação de testes. Por mais que os testes sejam ferramentas consideradas fundamentais no processo de avaliação psicológica, é necessário compreender que avaliar vai além da mera aplicação de testes. Por isso, nas disciplinas de TEP o foco não deve ser apenas o ensino destes. Tendo em vista que, apesar dos esforços implementados na área, ainda há uma ênfase significativa nos instrumentos e faltam esforços com enfoque na formação de um profissional crítico (Bicalho & Vieira, 2018) essa atividade demonstra que o cuidado ético e a reflexão crítica de cada etapa contribui para a melhora da área de AP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência permitiu uma aproximação da teoria com a prática de AP. Para Dourado e Silva (2016), existe uma preocupação por parte dos estudiosos em informar sobre os aspectos teóricos em relação à prática de AP, deixando de enfatizar o aspecto prático de tal. Para eles, há a necessidade de estudos que tragam discussões sobre o modo de fazer a avaliação psicológica, vista que é uma atividade de várias facetas. Ademais, nas universidades públicas há uma escassez de instrumentos atuais e válidos, por isso a necessidade ainda maior de ensinar a avaliação psicológica como um processo amplo, contínuo e que usa diferentes métodos de investigação, pois nem sempre há disponibilidade de instrumentos para a realização das avaliações. Essa atividade permite que, na ausência de instrumentos para aplicação, o professor possa realizar todas as outras etapas.

Vale ressaltar a necessidade de esforços voltados para a produção de mais pesquisas sobre essa temática, que se voltem para o aspecto prático do processo de avaliação psicológica. Essa tarefa busca não apenas discutir o viés ético-político desse processo e a postura crítica/reflexiva necessária, mas sobretudo subsidiar a prática daqueles que estão inserindo-se nos contextos de atuação e necessitam sentir-se preparados e com o direcionamento ético resguardado.

Referências

Ambiel, R. A. M., Barros, L. de O., & Batista, H. H. V. (2017). Competências na Avaliação Psicológica de Graduandos em Psicologia: Análise do Ensino e Experiência em Estágios. *Psicologia: Ensino & Formação*, 8(2), 3–13.

<https://doi.org/10.21826/2179-5800201782313>

- Bandeira, D. R.; Trentini, C. M., & Krug, J. S. (2016) Psicodiagnóstico: Formação, cuidados éticos, avaliação de demanda e estabelecimento de objetivos. Em Hutz, C. S. *Psicodiagnóstico* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed.
- Bardagi, M. P., Teixeira, M. A. P., Segabinazi, J. D., Schelini, P. W., & Do Nascimento, E. (2015). Ensino da avaliação psicológica no Brasil: levantamento com docentes de diferentes regiões. *Avaliação Psicológica*, 14(2), 253–260. <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1402.10>
- Bicalho, P. P. G. de, & Vieira, E. da S. (2018). Direitos Humanos e Avaliação Psicológica: Indissociabilidade Human Rights and Psychological Assessment: Inseparability of the Professional Ethical-Political Commitment Derechos Humanos y Evaluación Psicológica: Inseparabilidad Introducción. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(núm. esp.), 147–158.
- Borsa, J. C. (2016). Considerações sobre a Formação e a Prática em Avaliação Psicológica no Brasil Considerations about the Training and Practice in Psychological Assessment in Brazil. *Temas Em Psicologia*, 24(1), 131–143. <https://doi.org/10.9788/TP2016.1-09>
- Bueno, J. M. H., & Peixoto, E. M. (2018). Avaliação Psicológica no Brasil e no Mundo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(spe), 108–121. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208878>
- Conselho Federal de Psicologia. (2018). *Resolução nº 9, de 25 de abril de 2018*. Resgatado de: satepsi.cfp.org.br/docs/Resolucao-CFP-n-09-2018-com-anexo.pdf
- Dourado, L. F. M., & Silva, R. S. (2016). AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E CONTEXTOS DE ATUAÇÃO: Possibilidades na relação Teoria e Prática. *Revista Diálogos Acadêmicos*, 5(1), 36–45.
- Finelli, L. A. C. F., Freitas, S. R., & Cavalcanti, R. L. (2015). Docência em avaliação psicológica: a formação no Brasil. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, (12), 029-034. doi: 10.17979/reipe.2015.0.12.567
- Freires, L. A., Filho, J. H. da S., Monteiro, R. P., Loureto, G. D. L., & Gouveia, V. V. (2017). Ensino da avaliação psicológica no Norte brasileiro: analisando as ementas das disciplinas. *Avaliação Psicológica*, 16(2), 205–214. <https://doi.org/10.15689/AP.2017.1602.11>
- Guzzo, R. S. L., Moreira, A. P. G., & Mezzalira, A. S. da C. (2011). Avaliação psicossocial: desafios para a prática profissional nos contextos educativos. *Aval. Psicol*, 10(2), 163–171.
- Mendes, L. S., Nakano, T. de C., Silva, I. B., & Sampaio, M. H. de L. (2013). Conceitos de avaliação psicológica: conhecimento de estudantes e profissionais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(2), 428–445.

<https://doi.org/10.1590/s1414-98932013000200013>

Moralez De Figueiredo, R., & Paduan De Oliveira, M. A. (1995). Necessidades De Estudantes Universitários Para Implantação De Um Serviço De Orientação E Educação Em Saúde Mental*. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 3(1), 5–18. <https://doi.org/10.1590/S0104-11691995000100002>

Noronha, A. P. P. (2002). Os problemas mais graves e mais freqüentes no uso dos testes psicológicos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 135–142. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722002000100015>

Noronha, A. P. P., & Alchieri, J. C. (2004). Conhecimento em avaliação psicológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 21(1), 43–52. <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2004000100004>

Noronha, A. P. P., Primi, R., & Alchieri, J. C. (2004). Parâmetros psicométricos: uma análise de testes psicológicos comercializados no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(4), 88–99. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932004000400011>

Noronha, A. P. P., & Reppold, C. T. (2010). Considerações sobre a avaliação Psicológica no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(spe), 192–201. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932010000500009>

Patto, M. H. S. (1997). Para uma Crítica da Razão Psicométrica. *Psicologia USP*, 8(1), 47–62. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000100004>

Paula, A. V. de, Pereira, A. S., & Nascimento, E. do. (2007). Opinião de alunos de psicologia sobre o ensino em avaliação psicológica. *Psico-USF*, 12(1), 33–43. <https://doi.org/10.1590/s1413-82712007000100005>

Reppold, C. T., Paula, A., & Noronha, P. (2018). Impacto dos 15 Anos do Satepsi na Avaliação Psicológica Brasileira Impact of 15 Years of Satepsi on Brazilian Psychological Assessment Introdução Desenvolvimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(núm. esp.), 6–15.

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Descrição dos passos seguidos durante a atividade realizada na disciplina

Passos	Descrição	Período
1.	Estudo teórico da AP (uso de instrumentos, questões éticas, construção de laudos e relatórios, estratégias de avaliação e outros temas pertinentes às disciplinas, seguindo as ementas)	Primeiros meses da disciplina. Ao longo de cada passo as questões teóricas eram estudadas e, em seguida, treinada na prática.
2.	Divisão dos alunos em dupla/trio	Após dois meses do início das aulas teóricas.
3.	Estudos dos testes a serem usados, somente nas instalações do Serviço Escola de Psicologia (SEP)	
4.	Convidar um estudante universitário (preferencialmente dos primeiros semestres de Psicologia), maior de idade, para ser voluntário nesta atividade.	Foi destinado duas semanas para essa etapa.
5.	Primeiro encontro com o voluntário: Entrevista inicial e explicar todo o processo.	Após aceite do participante as equipes tinham um mês para realizar a entrevista e os passos seguintes.
6.	Segundo encontro com o voluntário: Aplicação e correção do instrumento.	Após a aplicação os alunos tinham duas semanas para corrigir o instrumento.
7.	Escrita do laudo. As informações da entrevista eram somadas aos dados coletados pelo instrumento. Esse laudo deveria seguir toda a recomendação das resoluções do CFP sobre confecção de instrumentos provenientes de avaliação psicológica.	Após a correção os alunos tinham até duas semanas para enviar o laudo para correção da professora.
8.	Terceiro encontro com o voluntário: Entrevista devolutiva.	Essa etapa deveria ser realizada pelo menos duas semanas antes de finalizar o semestre.